



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

GUILHERME GONÇALVES LOPES DE FREITAS

PAÍS DO FUTEBOL? A SELEÇÃO BRASILEIRA E A CRISE DE
IDENTIDADE COM O PÚBLICO

João Pessoa - PB

2024

GUILHERME GONÇALVES LOPES DE FREITAS

**PAÍS DO FUTEBOL? A SELEÇÃO BRASILEIRA E A CRISE DE
IDENTIDADE COM O PÚBLICO**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Piva de Carvalho.

João Pessoa - PB

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F866p Freitas, Guilherme Goncalves Lopes de.
País do futebol? A seleção brasileira e a crise de
identidade com o público / Guilherme Goncalves Lopes de
Freitas. - João Pessoa, 2024.
59 f. : il.

Orientação: André Luiz Piva de Carvalho.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo - TCC. 2. Jornalismo esportivo. 3.
Futebol brasileiro. 4. Copa do mundo - Brasil. I.
Carvalho, André Luiz Piva. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 070(043.2)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

ATA DE APROVAÇÃO

Este trabalho foi submetido à avaliação da Banca Examinadora composta pelos professores abaixo relacionados, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

Aluno(a): *Guilherme Gonçalves Lopes de Frit*

Título do trabalho: *Paiz do Futebol? A crise de identidade da rede*

Aprovado em 23 / 10 / 2024, com média DEZ

BANCA EXAMINADORA

Professor(a) orientador(a): *André Piva*

Universidade Federal da Paraíba

Departamento de Jornalismo

Assinatura: _____

Professor(a) examinador(a): *Zulmira Nébrera*

Universidade Federal da Paraíba

Departamento de Jornalismo

Assinatura: _____

Professor(a) examinador(a): *Matheus Fernandes Araújo*

Instituição *TV Cabo Branco*

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Fazer jornalismo sempre foi um sonho, mas não só meu, também da minha mãe, que precisou interromper por questões financeiras. Hoje, entrego esse último trabalho com a sensação de dever cumprido.

Foram cinco anos na Universidade Federal da Paraíba, de muito aprendizado, conquistas e batalhas. Agradeço imensamente aos meus pais Isanildes e Durval, o meu irmão Ruan Felipe, e todo suporte familiar, além do orientador, professor André Piva, toda banca, colegas e amigos, Matheus Aquino, Guilherme Valentin, Guilherme Bezerra, Gustavo Demétrio, Vinicius Gonçalo, Luiz Moreira e Humberto, que contribuíram para esse momento especial da formação.

Sei que o dever do jornalista é aliado à verdade, o compromisso com a informação, posso dizer que na parte teórica e humana, a faculdade entrega uma bagagem importante para a entrada no mercado de trabalho.

Não posso deixar de agradecer também a Deus, respeitando todas as religiões, porque sem minha fé poderia ter desistido em algum momento de fraqueza, e possivelmente sem ele, sequer ingressaria no campo acadêmico.

Encerro com gratidão, pois para um menino de baixa renda que deixou o interior da Bahia, para morar em outro estado, outra cultura, uma capital, sem familiares próximos, conquistar um diploma superior é gratificante. Entendo o tamanho e a importância de tal feito, para que possa também servir de exemplo e inspirar mais pessoas.

Dedico esta monografia a todos que, como eu, acreditam em um jornalismo ético e transformador para a sociedade. As batalhas são longas, mas a força de vontade pode mover e inspirar muitos.

RESUMO

O futebol, ao lado do samba, é um dos símbolos que moldam a imagem internacional do Brasil, além de serem paixões nacionais que promovem coesão e integração. A Seleção Brasileira de Futebol Masculina, cinco vezes campeã mundial, já carregou o peso de ser considerada a maior equipe do mundo. No entanto, após a emblemática derrota por 7 a 1 contra a Alemanha em 8 de julho de 2014, tanto os torcedores quanto a própria seleção passaram a enfrentar uma série de frustrações e questionamentos. Entre as preocupações estão as consequências políticas do evento, disputas partidárias e interesses privados de diretores das federações estaduais e da CBF (Confederação Brasileira de Futebol); instituição que regula o futebol nacional. Além disso, surgiram polêmicas envolvendo o comportamento dos dirigentes, convocações de jogadores, e a apropriação da bandeira e do uniforme pela extrema-direita. Esta pesquisa, de natureza exploratória e descritiva, investiga o papel do jornalismo esportivo na construção e consolidação da identidade da seleção brasileira ao longo dos anos. Utilizando um método qualitativo, a análise aproxima-se do ensaio, proporcionando um caminho para uma reflexão crítica e interdisciplinar. Como resultado, o estudo destaca o momento atual (2024) da relação entre os torcedores e a seleção brasileira, revelando a desconstrução simbólica de uma paixão que outrora parecia inabalável. Embora o brasileiro continue apaixonado pelo futebol, há um crescente distanciamento em relação aos jogos da Seleção, principalmente pela desconfiança em relação aos dirigentes. Por fim, o trabalho examina como a cobertura da imprensa, especialmente nas transmissões de jogos da Copa do Mundo, contribuiu para esse afastamento, refletindo uma evidente crise na identidade simbólica da seleção brasileira.

Palavras-chave: identidade; seleção; copa do mundo; imprensa; identificação; apropriação.

ABSTRACT

Football, alongside samba, is one of the symbols that shape Brazil's international image, in addition to being national passions that promote cohesion and integration. The Brazilian Men's Football Team, five-time world champion, has already carried the weight of being considered the greatest team in the world. However, after the emblematic 7-1 defeat against Germany on July 8, 2014, both fans and the team itself began to face a series of frustrations and questions. Among the concerns are the political consequences of the event, party disputes and private interests of directors of state federations and the CBF (Brazilian Football Confederation); institution that regulates national football. Furthermore, controversies arose involving the behavior of managers, call-ups of players, and the appropriation of the flag and uniform by the far right. This research, exploratory and descriptive in nature, investigates the role of sports journalism in the construction and consolidation of the identity of the Brazilian team over the years. Using a qualitative method, the analysis approaches the essay, providing a path for critical and interdisciplinary reflection. As a result, the study highlights the current moment (2024) of the relationship between fans and the Brazilian team, revealing the symbolic deconstruction of a passion that once seemed unshakable. Although Brazilians remain passionate about football, there is a growing distance from the Seleção games, mainly due to distrust towards the managers. Finally, the work examines how press coverage, especially in broadcasts of World Cup games, contributed to this distancing, reflecting an evident crisis in the symbolic identity of the Brazilian team.

Keywords: identity; selection; world cup; press; identification; appropriation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pelé e Jairzinho Comemoram em 1970	19
Figura 2 – Jogadores da Seleção na Capa da Revista Placar, 2006	24
Figura 3 – Jornal Argentino Chama Brasileiros de Macacos (1920).....	38
Figura 4 – Bolsonaro com a Camisa da Seleção e Jogador.....	42
Figura 5 – Jogadores com a Atuação no Brasil e Exterior (2010)	46
Figura 6 – Tabela do Preço de Ingressos no Mundo (2013).....	53

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	O FUTEBOL COMO ELEMENTO CONSTRUTOR DA IDENTIDADE BRASILEIRA	13
3	JORNALÍSTICO ESPORTIVO E SELEÇÃO MASCULINA DE FUTEBOL: ASCENÇÃO, DECLÍNIO E CONTROVÉRSIA	16
3.1	A ASCENÇÃO	16
3.2	SURGEM OS MITOS.....	17
3.2.1	O Que é o Mito?	17
3.2.2	O Mito no Futebol Brasileiro	18
3.3	A QUEDA.....	23
3.4	COPA DO MUNDO NO BRASIL.....	27
3.4.1	O Ciclo da Copa	27
3.4.2	A Copa	29
3.4.3	O Fantasma do 7x1.....	30
3.5	CONVOCAÇÕES.....	35
3.6	POLÍTICA E FUTEBOL.....	36
3.7	IDENTIDADE	45
3.7.1	Jogador e Torcedor	45
3.7.2	Futebol e Produto	50
3.8	JORNALISMO ESPORTIVO.....	54
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
	REFERÊNCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

O futebol, entre seus diferentes aspectos, caracteriza-se, de forma mais geral, e conforme o senso comum, como um apaixonante lazer, no entanto, visões mais analíticas e profundas sobre os componentes que o envolvem, levam a outros entendimentos sobre a dimensão do esporte em outras áreas, a exemplo da economia e da política.

Quadro que leva a presente monografia a abordar os casos controversos que envolvem a maior seleção de futebol do planeta, na história, a seleção brasileira. Como uma equipe antes referência no esporte mundial, agora enfrenta uma crise identitária com o seu torcedor junto a uma derrocada esportiva, que a levam a um cerco ostracismo, reforçado pelo fato de já somar cinco edições sem alcançar uma final de Copa do Mundo, torneio do qual é a seleção pentacampeã.

Além disso, este estudo considera o distanciamento dos torcedores mediante a elitização da seleção em termos econômicos: ingressos e camisas com preços cada vez mais onerosos para a população, acesso às transmissões audiovisuais também a custos proibitivos. Além da falta de identificação dos jogadores com o público, sem gerar um sentimento de representatividade como antes ocorria nos áureos tempos.

No campo sociológico e político, sobretudo com a polarização nas últimas eleições, também foi um fator impactante no distanciamento dos torcedores com a seleção brasileira. Visto que a extrema-direita, ao optar por Jair Bolsonaro como candidato apropriou-se das cores e camisas da equipe de futebol, como uma espécie de uniforme para quem se inclinava ao seu viés político.

Conforme dados do instituto de pesquisas Datafolha, cerca de 51 por cento dos brasileiros não tinham interesse nos jogos do país na Copa do Mundo em 2022, mesmo se tratando do evento esportivo de maior alcance do planeta. Em outras palavras, aumentou a oferta de espetáculos futebolísticos às classes altas, equivalentes aos da Seleção (Damo, 2019).

Os escândalos que envolvem a seleção, assim como a entidade que a rege, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), podem ser analisados desde a primeira grande decisão de Copa do Mundo com a sua participação, a de 1950.

Diante dos fatos descritos, este estudo se ocupa de selecionar e analisar diferentes informações sobre a seleção brasileira, como levantamento de dados, estatísticas, matérias jornalísticas do jornalismo esportivo especializado, entre reportagens, artigos, crônicas, além da literatura dedicada ao futebol.

No esforço investigativo, destaca-se o foco na contextualização do papel do jornalismo esportivo ao longo dos anos na construção e fortalecimento da identidade da seleção brasileira com seu público, considerando-se os escritos e opiniões de grandes autores e comunicadores como João Saldanha, Nelson Rodrigues e Galvão Bueno, que focam a seleção brasileira e o seu futebol em múltiplos aspectos: o fim do “complexo de vira-latas” sua condição de mito simbólico para a identidade brasileira, a genialidade dos principais jogadores, as lacunas da imprensa, a exemplo de seu comportamento de “salto alto” que ignora o desenvolvimento esportivo de outras nações, que passou anos despercebido por parte da imprensa nacional.

Há relação com o futebol e construção de identidade, conforme a perspectiva acadêmica dos estudos culturais, especialmente na linha pensada por Hall (2000, p. 112), em que o futebol, entre muitos outros elementos da cultura brasileira, em seu dinamismo histórico, é objeto icônico da representatividade da identidade social brasileira. Desse modo, de início identidade, neste estudo, é vista em seu sentido mais comum, genérico, no significado literal de interesse comum, de as pessoas ter o mesmo gosto e preferências, optar por um mesmo tipo de divertimento, lazer, entretenimento, ou mesmo interesse cultural. O significado que sempre foi amplamente explorado por jornalistas, escritores e mesmo o público em geral.

Contudo, o estudo, em razão de sua condição de produção acadêmica, também se dedica a brevemente tecer considerações sobre a identidade social¹

¹ A identidade social se diferencia da identidade individual por ser inerente a um conjunto de pessoas que fazem parte de determinada comunidade ou grupo humano, diferente, assim, da identidade única que diz respeito a um único indivíduo.

brasileira, conforme os postulados dos Estudos Culturais, em consideração ao futebol como forte elemento para a sua formação.

Assim, a identidade social, abordada neste trabalho apenas como “identidade”, é reconhecida como objeto instrumental para a constituição de valores simbólicos, a exemplo da identidade delineada de manifestações culturais, a exemplo de o samba ser ritmo musical utilizado para exprimir a identidade carioca, o acarajé, alimento visto como peça que significa a identidade baiana.

Nessa linha de entendimento, o estudo teve como fonte de informações a literatura e material jornalístico digital multimídia, pesquisas acadêmicas, textos, particularmente em publicações de especialistas de assuntos, principalmente de articulistas, cronistas e analistas esportivos, procedimento metodológico que inclui um protocolo de ações investigativas: busca e embasamento epistemológico em narrativas sobre processos históricos, questões relativas aos mitos do futebol e aspectos sociológicos.

Assim, em se tratando de um estudo com pesquisas exploratórias descritivas, houve o esforço de recorte qualitativo para a abordagem dos temas e episódios no percurso do tempo do futebol brasileiro e seu mítico selecionado de futebol.

Sob a perspectiva de aprofundar a pesquisa, observa-se o livro “Os Deuses da Bola: 100 anos da seleção brasileira”, dos autores Goussinsky e Assumpção (2014), uma obra que observa a construção da principal equipe de futebol do planeta, analisando desde a partida profissional ainda em 1914, bem como as participações em Copas do Mundo, e sua ascensão junto ao público até a realização da edição de 2014.

Autores como Campbell (1990), também podem ser vistos em sua obra a relação do mito, do herói para o futebol em termos nacionalistas e toda dependência emocional dos povos com a figura de um atleta, na construção da pesquisa que elenca a dificuldade do público brasileiro na ausência de novos craques no futebol.

Ao passo que Giulianotti (1999) descreveu a sociologia do futebol há mais de duas décadas atrás, tal estudo elucida a direção direta entre política e esporte

na construção de uma sociedade plural, que também segue atual agora no pensamento do pesquisador Viñas (2023), e os recentes posicionamentos dos atletas, como o de Vinícius Júnior, e a luta contra a extrema-direita da Espanha.

Nos campos dos dados estatísticos, de uma pesquisa aprofundada, o estudo elenca em tabela e gráfico a comparação dos preços de produtos relacionados ao futebol e o aumento significativo no bolso da população brasileira, que afastam torcedores de baixa renda junto a seleção brasileira. Conforme estudos da Pluri Consultoria, o Brasil é o país do mundo com o ingresso mais caro do mundo em 2013, quando comparado à renda mensal do trabalhador do país.

Desse modo, com dados estatísticos, amostras, relatos da imprensa, obras literárias sobre futebol e checagem dos fatos em toda relação de 110 anos da seleção brasileira, por meio de buscas com palavras-chaves na internet e memória empírica, a monografia elenca um conjunto de fatores que contribuíram para a queda desportiva e representativa da equipe junto ao torcedor.

2 O FUTEBOL COMO ELEMENTO CONSTRUTOR DA IDENTIDADE BRASILEIRA

A identidade é um termo muito genérico, em virtude de abrigar diferentes classificações identitárias sobre os gentílicos (lugares de nascimento ou moradia) de grupos humanos, ou também para nomear elementos concretos e simbólicos, ambos com efeitos representativos, que configuram alguma identidade, ou seja, as relações com suas nacionalidades e localidades de nascimento ou de convivências sociais. Não se trata, portanto, de algo individual, mas coletivo, ligado às estruturas tradicionais e históricas de caráter simbólico com efeitos representativos nas mais variadas manifestações.

Qual a localidade ou qualquer outro espaço social que não conta com vários componentes concretos com a função de representar a identidade do lugar ou de seu povo? lembrando que se incluem em tal campo manifestações artísticas e culturais do cotidiano, em seu incalculável número de criações e manifestações, que também contemplam os elementos intangíveis, às vezes de forma mais notória, com destaque para a arte e cultura, como as criações literárias, música, filmes, danças, entre tantas outras expressões; como também as ações e comportamentos relativos à sensibilidade humana, caso das ideologias políticas, crenças religiosas, expressões que preenchem o pensamento das pessoas em relação à sua própria identidade. Este entendimento está direcionado de acordo com as afirmações de França (2002, p. 13): “A discussão da identidade não está assentada apenas na identificação de semelhanças, dos compartilhamentos, mas traz no mesmo movimento a construção da diferença, da distinção. Identidade e diferença formam um par”.

Também se incluem entre os elementos que projetam simbolicamente a identidade o consumo de entretenimento e lazer dos grupos sociais, como os esportes, as práticas de reuniões entre familiares e amigos para o almoço dominical, o churrasco ou a feijoada, as conversas nas mesas do bar, entre tantos outros objetos e práticas que fazem parte das vivências humanas.

O processo se concretiza no campo das representações, sendo que as conotações sobre o estatuto abstrato da identidade se devem ao fato de tudo se

desenvolver no campo das projeções simbólicas, conforme o comentário de Burke (1995, p. 92):

Os historiadores culturais costumavam supor que as formas aparentes de cultura 'expressavam' ou 'refletiam' alguma realidade intrínseca mais profunda. Hoje em dia essa suposição é com frequência criticada como excessivamente reducionista ou determinista e a atual metáfora mais usada não é reflexo e sim construção.

A identidade, assim, por se efetivar no campo do simbólico perpassa campos da significação, em que o futebol é um componente de forte representação no Brasil, conforme seus atributos e atrativos, paixões e interesses e usos como entretenimento, porém depende de processos construtivos da linguagem, como pontos estabelecidos por práticas discursivas em que os sujeitos se apegam de forma temporária e flexível, fazendo-os dependentes de fluxos simbólicos desenvolvidos por diferentes discursos (Hall, 2000, p. 112).

Carvalho (2009, p. 14) afirma sobre a identidade ser indicada e interpretada em formulações discursivas de algum agente enunciador, alguém que a construa e cumpra o papel de configurá-la e difundi-la.

Cabe ao pesquisador descobrir, apontar e analisar os modos de representações culturais e como elas influenciam no dinamismo da construção identitária no meio social. Trabalho analítico sobre formulações discursivas que projetam signos sobre identidades, na historiografia, nos textos antropológicos, nos discursos políticos e, principalmente, na mídia. (Carvalho, 2009, p. 14).

Logo, temáticas sobre a identidade, como é o caso deste trabalho, necessitam selecionar entre os muitos elementos identitários tangíveis e intangíveis aqueles com significação simbólica que possam representar a identidade local, regional ou nacional como é o caso do futebol, de histórica e robusta força representativa.

Desse modo, este estudo se desenvolve em transcrições e contextualizações de conteúdos literários e publicações do jornalismo sobre o

futebol, em consideração ao fato de a mídia ter função estratégica como mecanismo de circulação de ideias, além de exercer o reconhecido papel de construtora de identidades em seus discursos produtores de sentidos.

3 JORNALÍSTICO ESPORTIVO E SELEÇÃO MASCULINA DE FUTEBOL: ASCENÇÃO, DECLÍNIO E CONTROVÉRSIA

3.1 A ASCENÇÃO

O futebol surgiu em solo brasileiro pela primeira vez no ano de 1894, com a chegada do jovem imigrante inglês Charles Miller, que trouxe consigo uma bola de futebol e regras sobre o esporte. No entanto, a seleção brasileira aconteceu somente em 1914, ano que marcou a criação da equipe. Anteriormente, os brasileiros reuniram um combinado de jogadores de alguns estados.

Em 1924, viria a primeira disputa de seleções de futebol, as Olimpíadas, à época, a principal competição do esporte. Ainda em processo de profissionalização e com a chegada “tardia” no país, os brasileiros viram o Uruguai dominar o torneio, vencendo duas vezes seguidas, também posteriormente a primeira Copa do Mundo, em 1930.

Décadas depois, no ano de 1950, seria o Uruguai algoz da primeira final do Brasil em uma Copa do Mundo, naquela que seria popularmente chamada de “Maracanazo”. A partir da derrota para os uruguaios, manifesta-se o primeiro sentimento de revolta e julgamento em personagens dentro do campo por parte dos torcedores e da imprensa esportiva. “Não se perguntam por que apenas três negros foram escolhidos como bodes expiatórios” (Jorge Neto, 2010, p. 139), em referência a Copa do Mundo de 1950, onde os três jogadores negros, Barbosa, Juvenal e Bigode foram culpabilizados após a eliminação.

Ao mesmo tempo, parte da imprensa (pró-imperialista) e golpista buscava desmoralizar e atacar a seleção brasileira, que à época já era vista nos seus primórdios de identidade nacional.

Apesar da seleção brasileira ter alcançado pela primeira vez uma final de Copa do Mundo, terminando na segunda colocação contra um adversário, que à época, estabelecia uma consolidação no esporte, nada disso bastou para que atletas fossem perseguidos e duramente criticados, sobretudo o goleiro Barbosa, que acabou falhando em um dos gols da decisão.

Diferentemente de outros esportes, principalmente olímpicos, onde há uma valorização no desempenho e não na decisão final, a cultura do futebol brasileiro, tanto por jogadores, imprensa e torcedores, muito antes da ascensão com cinco taças de Copa do Mundo, já não aceitava resultados que fugissem do lugar mais alto do pódio.

Nasce, posteriormente, o termo “complexo de vira-latas”, a frase criada pelo autor Nelson Rodrigues que relatava o trauma sofrido pelo brasileiro após a derrota em 1950.

Oito anos se passaram e, em 1958, viria a primeira estrela no peito, com a conquista da Copa do Mundo, em uma campanha praticamente perfeita, ao vencer a Áustria, União Soviética, País de Gales, França e, na final, a Suécia, por 5x2. A única partida em que a seleção não saiu vitoriosa foi contra a Inglaterra, em um empate sem gols, ainda na fase de grupos.

3.2 SURGEM OS MITOS

3.2.1 O Que é o Mito?

O mito (do grego *mhytós*), é uma narrativa fantástica que possui o objetivo de explicar a origem de tudo aquilo que existe e é considerado importante para o povo. “A essência do mundo se consuma no cantar e no dizer” (Otto, 2006, p. 51).

De acordo com Campbell (1990), o mito é a experiência de vida, ou seja: “O mito ajuda a colocar sua mente em contato com a experiência de estar vivo” (p. 6). Conforme o autor, há quatro designações a respeito da utilidade do mito para os povos: a função cosmológica; que é aquele responsável pelo entendimento do ser, a função sociológica; o suporte e validação de uma ordem social que pode alternar em um local para o outro, a função mística; que compreende a vida espiritual, além da função pedagógica, que é o modelo de conduta.

3.2.2 O Mito no Futebol Brasileiro

Na cultura do futebol brasileiro o “mito”, a figura idolatrada pelo povo brasileiro no futebol, pode ser resgatada pela primeira vez nos anos 1930, com o atacante Leônidas da Silva, apelidado de “Diamante Negro” e inventor do gol de bicicleta. Em seu uso corrente, mito se opõe a tudo o que é verdadeiro e real (Camargo, 1995), logo, algo que está presente no imaginário do público.

Apesar do sucesso de Leônidas, a falta de grandes títulos, junto a aposentadoria do jogador e a derrota em 1950, somado às tensões políticas da época, tornou os brasileiros carentes da consolidação de um novo ídolo, questão que encontra alguma contextualização em Caldas (1997, p. 179):

Não se pode negar que fenômenos de massas do peso do futebol (ou do carnaval) cumprem também um papel político e ideológico. Mas seria ingênuo pensar que essa questão é unidimensional, como fazem aqueles críticos que sem questionamento acreditam que esse intencionado controle social funciona de fato.

Assim como em Guedes (2013, p. 94) A pergunta deveria ser: “Quais efeitos políticos originou o futebol sob as condições especificamente brasileiras?”

Surgiu em 1958 aquele que seria até hoje o maior mito do esporte nacional e para muitos o maior mundialmente, Edson Arantes Nascimento, o Pelé que, ainda com 17 anos, um atacante franzino da equipe do Santos, acabou convocado para seleção brasileira. Apesar das diferentes versões que difundem a respeito do início de Pelé na Copa do Mundo de 1958, o ainda “Jovem Rei” marcou seis gols naquela edição, ao chocar o e conquistar instantaneamente a idolatria do público.

Na edição de 1962, outros “mitos” e ídolos surgiram na conquista do bicampeonato da equipe, foi Garrincha o principal jogador brasileiro, após uma lesão de Pelé. Em 1970 viria o tricampeonato, com uma redenção após o fracasso em 1966 daquele que viria a ser chamado de “Rei”. Pelé eternizou o

número 10 no futebol mundial, marcando quatro vezes no tricampeonato mundial.

Figura 1 – Pelé e Jairzinho Comemoram em 1970



Fonte: FIFA (1970)²

Com a conquista de 1970, a expressão “País do Futebol” tomou força entre a população e mídia brasileira, em partes pelo desempenho mágico unido a um jogo vistoso, conquistando três de quatro Copas do Mundo. No entanto, o papel da crônica esportiva na construção simbólica do termo foi fundamental. Principalmente nos textos do cronista da época, que enaltece o futebol apresentado pela seleção, segundo dizia Nelson Rodrigues “o pior cego é aquele que só vê a bola”.

A construção do ídolo no futebol brasileiro, inclusive, passa diretamente pelo cronista Nelson Rodrigues, responsável por diversas terminologias para simbolizar jogadas, além de apelidos para jogadores, o mais conhecido “Rei”, para Pelé.

Após o longo jejum de 24 anos sem vencer a Copa do Mundo, cabia a seleção brasileira de 1994 encerrar o jejum, uma equipe desacreditada e que até os dias atuais não tem o reconhecimento devido.

Na época, os brasileiros só alcançariam sua participação no último jogo das Eliminatórias da América do Sul, diante do algoz do passado, o Uruguai.

² Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/editorial/coluna/2022/12/jamais-havera-ninguem-que-se-compare-a-pele.ghtml>

Romário, que era proferido pela comissão técnica, sobretudo por Zagallo, mesmo sendo o grande destaque entre os atletas do país, só acabou convocado após uma lesão do atacante Muller, três dias antes do confronto. Com um show do camisa 11, a Amarelinha venceu por 2x0, confirmando a chegada do novo ídolo brasileiro.

Momentos antes da partida contra o Uruguai, no Maracanã, a imprensa espanhola chegou a especular que o “baixinho” não jogaria a partida para acompanhar o nascimento da sua segunda filha, contudo, nascia a figura do ídolo e a conexão concreta com o seu povo.

Como não bastasse a pressão diante da classificação no susto, dias antes da preparação para a Copa o trágico acidente envolvendo o piloto Ayrton Senna, um dos maiores ídolos da história nacional. O luto era geral, o público que desconfiava do futebol apresentado pela seleção, ainda perdia aquela que era figura representativa no esporte.

Podemos dizer que as definições a respeito do ídolo, em geral, são fruto de consensos sociais, que vêm da cultura e de heranças mitológicas, de um imaginário coletivo e, assim, representações, estereótipos e paradigmas são criados, influenciam e regulam a forma de organização da vida em sociedade. [...] na medida em que o que acessamos publicamente não é, necessariamente, a personalidade particular do sujeito, mas sim sua realidade midiática, que é como ele nos aparece. (Oliveira; Couto, 2011, p. 5).

Apesar de preferir não ser tratado como o “salvador da pátria” no desembarque para a jogo contra o Uruguai, no ano seguinte Romário mudou completamente seu discurso em uma coletiva na preparação para a Copa do Mundo de 1994, assumindo completamente a responsabilidade em caso de derrota, “Se realmente acontecer algum resultado negativo, o maior culpado sou eu, estarei preparado para isso”, disse o atacante na época.

A figura do ídolo, carismático e sincero Romário conectou-se fielmente com o público. Não era incomum ver o atacante da seleção brasileira nas praias do Rio Janeiro jogando futevôlei em meio aos banhistas, assim como outros jogadores nos anos 90. Como explica Helal (2003), “De certa forma as trajetórias

da vida dos ídolos rumo à fama e ao estrelato apresentam muitas características semelhantes”.

Na Copa do Mundo de 1994, o Brasil dispensaria toda a desconfiança e com uma campanha extremamente sólida, com o melhor desempenho defensivo brasileiro em uma Copa na qual foi campeão. Naquela edição diversos jogadores foram importantes no título como Taffarel, Dunga, Mauro Silva e Bebeto.

Entretanto, o protagonismo e responsabilidade cabiam a apenas um jogador, da mesma forma que ele julgou. Romário, não só foi o melhor jogador do tetracampeonato, como também obteve um dos maiores desempenhos individuais da história de uma Copa do Mundo, para muitos a melhor atuação de um brasileiro. Foram cinco gols no torneio, além de acertar a cobrança de pênalti na decisão contra a Itália, mesmo admitindo que as penalidades nunca foram seu forte, passando curiosamente a cobrar com mais frequência após aquela decisão.

Desse modo, Romário eternizou seu nome na história do país, com sua autoconfiança virando sua marca, espantando à época o termo “complexo de vira-latas” que surgia novamente com o jejum de 24 anos sem o título mundial.

Curioso notar que essa sinceridade em se achar bom e competente não é uma atitude muito bom e comum no Brasil, Roberto da Matta (1977), por exemplo já tinha sublinhado o fato que de que diferente da sociedade americana, dificilmente um brasileiro se diz bom em alguma coisa. A falsa modéstia é uma vertente muito mais comum e recorrente em nossa cultura. Romário consegue com essa faceta de sua personalidade confundir e até mesmo polemizar com aqueles que o idolatram. (Helal, 2003, p. 29).

Oito anos depois a seleção brasileira retornava para aquela que seria o seu último grande marco na maior camisa de futebol do planeta, em uma época de ouro, com a conquista de 1994, e um vice diante da fortíssima seleção da França, numa decisão marcada por polêmicas. Para aquela edição que marcava a chegada do terceiro milênio, o jornal “O Globo” logo apontava:

O Brasil já teve cinco seleções que entraram para a história do futebol no país. quatro delas foram campeãs: a de 1958, a primeira de Pelé, então com 17 anos; a de 1962, com as travessuras de um ponta-direita de pernas tortas chamado Garrincha; a de 1970, com Pelé na sua melhor fase e uma legião de grandes jogadores; e a de 1994, com Romário em estado de graça. A geração que não ganhou mas ninguém esquece é a de 1982, com Júnior, Falcão e Zico sob o comando de Telê Santana. A família Scolari sabe que a única chance de fazer parte desse grupo é erguendo a taça.

A pressão em cima da seleção brasileira era considerável, uma junção dos resultados ruins anteriormente, somado a enfática derrota para a França na final de 1998, pressionavam os principais nomes, Ronaldo e Rivaldo. Além disso, a ausência de Romário na convocação era alvo de críticas constantes entre os torcedores que pediam o retorno do “baixinho”.

No entanto, não impediu o apoio popular, com ruas sendo pintadas, famílias reunidas e audiências astronômicas na Rede Globo, “Brinco que o Brasil tem dois esportes: o futebol e o que está ganhando”, Caio Bonfim, atleta medalha de prata na marcha atlética nas Olimpíadas de Paris em 2024.

A campanha na fase de grupos para a seleção brasileira foi impecável, com duas goleadas. No mata-mata, jogos memoráveis contra Inglaterra e Turquia, marcado por uma grande atuação de Ronaldinho Gaúcho contra os ingleses. Na final, uma atuação fulminante e a redenção de Ronaldo Fenômeno, artilheiro daquela edição, dividindo o protagonismo com Rivaldo.

Com a conquista, a seleção brasileira assumiria um posto inalcançável até os dias atuais, o pentacampeonato mundial. Estabelecia-se como a maior seleção do planeta em termos de conquistas, disputando três finais seguidas de Copas e conquistando duas delas. E as próximas edições viriam com a esperança do hexacampeonato diante da figura do mito de Ronaldo Fenômeno e as novas estrelas, Kaká e Ronaldinho Gaúcho.

3.3 A QUEDA

Assim como afirma Assumpção (2014), “Quantas vezes no gramado, ganhando ou não, a Seleção brasileira jogou como muita gente afirma, por música”, e de certa forma a seleção construiu sua própria identidade com o jogo, seja na magia da canhoto de Garrincha, os dribles de Ronaldinho e Neymar, o faro artilheiro de Ronaldo e Romário, o Brasil sempre teve seu jogo, apelidado por estrangeiros como, “joga bonito”.

Se submetermos esses momentos às condições objetivas em que o esporte era (e ainda é) praticado, por um lado vamos perceber o quanto a relação arte e força é falsa, se colocada como uma dicotomia simples. Com isso queremos dizer que se essa relação em parte é verdadeira, ela já estava dada nos 30-60, quando supostamente predominava o futebol-arte. (Ribeiro, 2014, p. 2).

No entanto, após o ciclo vitorioso e competitivo da amarelinha, a expectativa na edição de 2006 era a maior desde 1982, naquela geração de Zico, Sócrates e tantos craques.

A seleção brasileira, naquele momento, reunia o melhor jogador do mundo durante os dois últimos anos, Ronaldinho Gaúcho. Além disso, contava com a experiência de Ronaldo Fenômeno, Roberto Carlos, Cafu, além do meia Kaká, que viria a ser melhor do mundo no ano seguinte, e aquele tido como substituto de Ronaldo, Adriano Imperador.

Figura 2 – Jogadores da Seleção na Capa da Revista Placar, 2006



Fonte: Revista Placar (2006)³

O quadrado mágico estava formado, comandados por Parreira, treinador da conquista de 1994. O mundo todo parava, sobretudo os amantes do esporte, que tinham expectativas naquela que em nome poderia ser a melhor seleção de todos os tempos, no entanto, conforme a figura 4, parte da imprensa temia que o quarteto da seleção brasileira não teria sincronia em campo, e assim foi com uma eliminação deprimente.

Em um treino, uma torcedora invadiu o gramado para abraçar Ronaldinho Gaúcho. Este cenário, segundo os críticos, tirou a concentração dos jogadores. A preparação chegou a receber o apelido de Big Brother, em alusão ao programa de TV em que a rotina dos participantes é exposta para o público. (Goussinky; Assumpção, 2004, p. 225).

Até mesmo alguns jogadores admitiram a falta de foco na época por parte de integrantes do grupo. Melhor atleta brasileiro naquela edição. Zé Roberto no ano de 2013 concedeu uma entrevista para a TV Globo expressando sua opinião sobre o desempenho, “Faltou um pouco mais do pessoal da comissão ser mais rígido. Os jogadores que estavam acima do peso foram disputar a Copa do Mundo”.

³ Disponível em: <https://issuu.com/placar/docs/maio-2006-pdf>

A globalização e o aspecto mercadológico podem ser observados de maneira mais assídua a partir da edição da Copa de 2006. Com a virada de século e a valorização do euro sobre o real, os melhores jogadores que antes jogavam em território nacional, migravam para Europa com ofertas mais vantajosas financeiramente.

Diante do distanciamento dos jogadores com seu próprio país e cultura, o público também começava a ser afetado, visto que muitos campeonatos europeus ainda não tinham tantas transmissões para o público geral no Brasil. Portanto, criaram uma categoria no futebol, os ídolos celebridades. Assim também surgiam os grandes patrocínios e a mercantilização de forma incessante.

Tempos depois da eliminação para a França em 2006, com uma atuação exuberante de Zidane, o treinador Parreira concedeu uma entrevista ao UOL para o jornalista Cosme Rimoli, onde rebateu a suposta falta de compromisso da equipe no torneio, citando edições anteriores.

Em 1970 já era assim. Em 1994 também. Os jogadores sempre saíam depois das partidas e voltavam na madrugada. Eu vou participar da minha oitava Copa e aprendi uma coisa. Quando o time perde é tudo desculpa. Mas quando ganhava estava tudo certo. Futebol é assim. (Parreira, 2010).

Com a eliminação considerada vexatória diante dos resultados anteriores e da expectativa criada diante da geração de craques em 2006, a seleção brasileira precisava passar por uma reformulação total nas próximas edições.

A CBF, que tinha Ricardo Teixeira como presidente, chegou até acusar o ex-atacante Ronaldo Fenômeno de bebedeira, em uma entrevista para o Jornal O Globo, "Tinha jogador que chegava bêbado às 6h da manhã. Como um jogador pode chegar num Mundial com 98 kg? Eu tenho quase isso e não sou um atleta".

Dessa forma, o dirigente buscou estabelecer um aspecto de liderança e compromisso na seleção com a chegada da figura do ex-jogador Dunga para o comando técnico. Campeão em 1994 e capitão da seleção, o gaúcho era conhecido por sua rigidez e liderança no vestiário.

O treinador logo chegava com um slogan dito por ele próprio em entrevista a TV bandeirantes, “Quero trazer para a seleção brasileira a mesma vontade que tive como jogador. Vibração, motivação e vontade de vencer”.

O ciclo para a Copa disputada na África do Sul não poderia iniciar de uma melhor forma, mesmo sem algumas estrelas, a Canarinho venceria a Copa América diante da Argentina, posteriormente também levaria a Copa das Confederações com grandes atuações da dupla Kaká e Luis Fabiano. Ao mesmo tempo, no intervalo entre as duas conquistas, a seleção disputaria a Olimpíadas em busca do ouro inédito, mas acabaria ficando com o bronze, o que afastou Ronaldinho, na época principal nome na disputa do torneio, de disputar o torneio mundial dois anos depois.

O que poderia ser redenção para a seleção e a CBF, além de uma nova glória para o ídolo Dunga, acabou virando pesadelo. A falta de experiência do jogador como treinador gerou inúmeras críticas durante a Copa do Mundo, sobretudo com convocações contraditórias, como a do goleiro Doni, na época reserva na Roma, além da ausência do atacante Adriano Imperador, para muitos o melhor jogador brasileiro da posição naquele momento.

Paralelamente, a relação conturbada de Dunga com a imprensa sempre gerou desgastes durante o ciclo, com uma comunicação que não causava boa impressão para o torcedor.

Na Copa do Mundo, uma fase de grupos complicada, contra Portugal, Coreia do Norte e Costa do Marfim, contudo, a seleção ainda avançaria em primeiro lugar. Após passar tranquilamente diante do Chile, o drama das quartas voltaria, desta vez, contra os Países Baixos. Após começar a partida vencendo, a equipe levaria a virada para os neerlandeses, encerrando a participação na África por um placar de 2x1.

Esses poucos exemplos já sugerem: no fracasso não existe apenas uma virtude, mas muitas. Há fracassos que acarretam um fortalecimento da vontade, outros que resultam em seu afrouxamento; há fracassos que nos dão força para perseverar no mesmo caminho, e os que nos oferecem o impulso para transformá-lo. Há os fracassos que nos tornam combativos, os que nos tornam mais sábios, e há também os que nos tornam simplesmente disponíveis para outra coisa. (Pepin, 2016, p.7).

Logo, todo planejamento durante os quatro anos e até mesmo as duas conquistas foram deixados de lado, diante de uma eliminação amarga, mesmo que os holandeses, à época, até possuíssem uma seleção tecnicamente com nomes em melhor momento, alcançando o vice-campeonato.

3.4 COPA DO MUNDO NO BRASIL

3.4.1 O Ciclo da Copa

Após duas eliminações frustrantes, a seleção brasileira, de fato, passaria por uma reformulação completa. Sem as duas principais referências remanescentes de 2002, Kaká e Ronaldinho.

No entanto, a CBF, ainda sobre a figura do mandatário Ricardo Teixeira, sofreria sua primeira negativa. O treinador Muricy Ramalho, até então principal técnico do futebol brasileiro negaria o convite para assumir a seleção, mantendo sua palavra e contrato com o Fluminense, líder do Brasileirão no ano de 2010.

Assim, a seleção brasileira amargou sua primeira negativa, ganhando um posto de não unanimidade, mas entre parte dos profissionais que aqui trabalhavam. Coube a CBF buscar a segunda opção, Mano Menezes, que à época era segundo colocado no Campeonato Brasileiro junto ao Corinthians, atrás apenas do Fluminense de Muricy Ramalho.

À primeira vista, a seleção chegou a ter bons resultados, com ascensão da dupla de Neymar e Ganso, o público e imprensa enxergavam que uma nova dupla poderia colocar a maior seleção do planeta de volta ao topo, como em edições anteriores.

Com o fracasso na Copa América de 2011 após a eliminação nos pênaltis para o Paraguai, além de uma derrota contra a rival Argentina em um amistoso que contou com grande atuação de Lionel Messi, os elogios pelo bom futebol apresentado nos primeiros jogos, viram críticas por resultados abaixo do esperado e um desempenho irregular.

Tumultuado. Assim pode ser definido o ano de 2011 para a seleção de Mano Menezes. O treinador tinha dificuldade em dar um padrão tático à equipe. Sempre faltava algo. Ora o time pecava na marcação, ora na saída para o ataque. (Goussinky; Assumpção, 2014, p. 235).

A “gota d’água” para Mano Menezes seria a medalha de prata nas Olimpíadas de Londres, contra o México. Mesmo com nomes de confiança como Thiago Silva, Hulk, Marcelo, além dos ainda jovens Lucas, Neymar e Alexandre Pato, os brasileiros não alcançaram o sonho do ouro inédito, caindo para uma equipe inferior tecnicamente.

Faltando menos de dois anos para o início da Copa do Mundo, a pressão diante da volta do Brasil a sede do principal torneio de futebol, somado ao fantasma do “Maracanazo” de 1950 pressionavam a seleção brasileira em busca de renovação no curto prazo.

Além disso, o aspecto político, após décadas do agora ex-presidente Ricardo Teixeira, pressionavam a CBF junto ao caos instaurado em Brasília com opositores e parte da imprensa que criticavam o governo de Dilma Rousseff diante dos altos gastos em infraestrutura, primordialmente nos estádios, basicamente colocavam o título mundial em solo nacional como obrigação.

Segundo DaMatta (1994), o futebol pode ser visto como uma força libertadora e um ato de justiça social para o público no Brasil, assim sendo o desempenho brasileiro está diretamente ligado com a identidade que transparece ao povo.

Diante da pressão e tensão no país, buscando uma resposta rápida, a Confederação Brasileira de Futebol, demitiu Mano Menezes e encontrou um velho conhecido como alternativa, Luiz Felipe Scolari, o Felipão, último campeão mundial dirigindo a amarelinha.

3.4.2 A Copa

No dia 12 de junho de 2014, marcou a estreia da Copa do Mundo de 2014 realizada no Brasil. Com 32 seleções na competição realizada em estados de Norte a Sul, o país parecia dar uma trégua diante da tensão política e supostos casos de corrupção que envolviam o torneio.

Para grande parte do torcedor brasileiro, imprensa esportiva e grandes marcas do país, o hexacampeonato era visto como obrigação, e, para muitos, uma certeza de que a seleção conquistaria aquele título. Já que um ano antes, a conquista da Copa das Confederações de forma avassaladora diante da campeã do mundo, Espanha, criou uma falsa ilusão no fim do ciclo em que estávamos prontos para vencer qualquer equipe.

Além disso, a ascensão do ainda jovem Neymar, gerava um sentimento comum em todas as Copas na qual o Brasil participou, o anseio público da figura do ídolo, herói e salvador da pátria.

E de fato, o início parecia promissor, jogando em casa, no ano que marcava os 100 anos da seleção brasileira. Com um treinador que tinha conquistado a última estrela no peito.

No entanto, as demonstrações de paixão e identidade com a pátria começaram a extrapolar as quatro linhas. O que poderia ser considerado uma boa demonstração de afeto do público com a sua seleção e na receptividade de países que aqui visitam, gerou antipatia.

Em uma das partidas das oitavas de final contra o Chile, torcedores brasileiros que cantavam o hino nacional junto aos jogadores, vaiaram os chilenos por também cantarem seu hino, desrespeitando o momento do país vizinho com sua bandeira.

Um ano depois, o Chile sedia a Copa América e na partida de estreia da competição, contra o Equador, daria uma resposta ao desrespeito brasileiro com seu hino. Os chilenos mandaram um cartão verde para os torcedores equatorianos pegando respeito por todas as culturas, conforme relatado em reportagem do UOL: “Não faça diferença: América é o reflexo da beleza de todas as suas culturas. Valorizemos o positivo do nosso continente e, em sinal de respeito, levantemos este cartão verde durante o hino do nosso país irmão.”

Parte da arrogância criada por torcedores brasileiros durante aquela Copa do Mundo, também há ligação direta com a imprensa, já que na época as análises sobre os jogadores convocados e o seu desempenho se efetivou de forma muito rasa. Grande parte da imprensa ignorou a qualidade e o avanço de outras seleções, prática ainda contumaz.

Não se tinha, na época, uma autocrítica do brasileiro, tão acostumado a vencer, com a equipe brasileira que se tinha em mãos e a mudança na nossa forma de jogar futebol, bem como o desenvolvimento de seleções, que, outrora, eram consideradas azarões no esporte.

3.4.3 O Fantasma do 7x1

Já pressionado, a seleção brasileira estreou no dia 12 de junho de 2014, diante da Croácia. Com um princípio de susto, após um gol contra do lateral Marcelo, o primeiro da Copa do Mundo. No entanto, os brasileiros conseguiram reverter o placar, vencendo a estreia por 3x1.

Apesar dos sustos, que geraram um certo receio da imprensa e torcedores, sobretudo após o empate sem gols diante do México, a seleção confirmou seu favoritismo na fase de grupos, avançando com sete pontos. No mata-mata, Chile, nas oitavas, em um jogo apertado, diante do bicampeão da América, a equipe de Felipão, avançou apenas nos pênaltis.

Chegaria, às quartas de final, desta vez contra a Colômbia, sensação naquela edição por conta da estrela James Rodríguez. Entretanto, a partida ficaria marcada pela lesão do craque brasileiro Neymar, após uma entrada forte do lateral Zúñiga, que tiraria o até então atacante do Barcelona da Copa do Mundo.

No entanto, a boa atuação avançando contra a Colômbia, daria uma falsa impressão que a equipe não dependia do seu melhor jogador para conquistar o tão sonhado hexacampeonato. Além disso, a atuação também abafava a fragilidade, o ciclo inconsistente e as convocações questionáveis do treinador

Felipão, já conhecido por ter seus jogadores comandados como “Família Scolari”, uma espécie de referência à confiança do treinador aos seus atletas.

Pouco antes da Copa do Mundo, Felipão exalta confiança com os seus jogadores: “Eu vejo meus jogadores atuando e vejo o empenho deles. Não vejo time melhor. Posso dizer que nós vamos ganhar”.

Para Martens (1990), a autoconfiança é observada como uma ausência de ansiedade cognitiva, ou de maneira contrária, sendo a própria ansiedade cognitiva, que pode ser vista como falta de autoconfiança. Tal concepção aborda como o excesso de autoconfiança pode ser uma desenvolvedora da ansiedade e anseios.

Mesmo com a importância da confiança em esportes de alto rendimento, como é o caso do futebol, extrapolar a barreira sentimental, pode preceder a queda. Enquanto grandes marcas seguiam apontando o hexacampeonato, com a seleção brasileira próxima da decisão, parte da grande imprensa não tinha pudor em pedir que a equipe de Felipão jogasse muito ofensivamente, diante da Alemanha, adversário na semifinal. E assim o treinador fez.

Sem o astro Neymar, o técnico optou por manter o esquema com três meio-campistas e três atacantes, mantendo Paulinho no banco e adicionando Bernard como substituto no ataque. É verdade, que nada garantia um bom resultado jogando com um novo meio-campista, contudo, diante de um adversário mais poderoso tecnicamente, na época, os brasileiros sofriam para se impor também fisicamente e o resultado surgiu de forma trágica esportivamente.

No primeiro tempo, um baque com os alemães aplicando um 5x0, e por pouco não marcaram mais gols. A defesa brasileira completamente exposta, o estádio em silêncio, torcedores em completo estado de choque após acreditarem fielmente no título mundial. Na transmissão, narradores chegaram a não fazerem o ônus da profissão, narrarem os gols.

No segundo tempo, o ritmo alemão até diminuiu, mas nada que impedisse de marcar mais dois gols. Os brasileiros, por sua vez, descontaram apenas uma

vez, em gol anotado por Oscar. Fechando a partida por um placar de 7x1, o maior já visto em uma semifinal de Copa do Mundo.

Em entrevista ao portal do Globoesporte, o meia Mesut Ozil relembrou a partida e contou os sentimentos e as conversas com o zagueiro David Luiz.

Todos nós jogadores nos surpreendemos um pouco. Depois de 20 minutos, estando 4 a 0, você se dá conta e pergunta "o que está acontecendo?". Se você perde uma partida grande como essa em seu país e vê os torcedores chorando do lado de fora, os jogadores também, isso te sensibiliza. Por isso, fui ao David Luiz e disse que realmente sentia muito e que eles tinham um grande país, com pessoas encantadoras. (Ozil, 2016).

O sentimento após a derrota acachapante era de vergonha e revolta, entre torcedores, imprensa, jogadores e confederação, o país parecia passar por um verdadeiro luto. A derrota chegou até mesmo tirar da lembrança de muitos que a seleção ainda disputaria o terceiro lugar daquela edição, com uma nova derrota, desta vez, para os Países Baixos.

Volante titular na campanha, Luiz Gustavo, desativou as redes sociais diante das críticas e lembranças das partidas, e segue distante do mundo digital até os dias atuais, "Já tem 10 anos que me afastei. Na Copa (de 2014) só quem estava lá sabe o que passou".

Um país já pressionado politicamente, diante do alto gasto para realização da competição, além dos escândalos de corrupção de empreiteiras e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), foram acentuados diante do desastre desportivo na Copa do Mundo.

De acordo com Silva (2015, pp. 25-26), o futebol junto ao imaginário clubístico do torcedor, pode ser visto como uma legitimação no campo político, sendo uma maneira eficaz de políticos engajarem e se conectarem com possíveis eleitores.

Fundada em 1914 sob denominação de Federação Brasileira de Esportes (FBE), a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), rege o futebol nacional até os dias atuais.

Como explica Goussinky e Assumpção (2014), o surgimento da FBE por parte dos cariocas gerou uma intriga com os paulistas que chegaram a fundar a Federação Brasileira de Futebol (FBF), numa briga que teve até mesmo falsificação de assinatura da A.W. Hirschman, uma alta executiva da FIFA.

Apenas em 1979, a CBF assumiria o nome oficial que perdura até hoje, regendo, desta vez, apenas o futebol masculino e feminino, devido uma exigência da FIFA.

Com diversos presidentes ao longo da história, Ricardo Teixeira, seria um dos nomes mais importantes e polêmicos na hegemonia da Confederação, bem como o mandatário mais duradouro à frente do cargo.

O dirigente assumiu a presidência da CBF em 1989, sendo o quarto presidente da história da entidade. Entrou no posto logo sob forte pressão após a seleção brasileira falhar nos mundiais de 1982 e 1986.

Foram, ao todo, 23 anos à frente da entidade, sendo considerado por muitos o dirigente mais poderoso do futebol brasileiro. O mandatário também participou de uma era vitoriosa do futebol brasileiro, com duas conquistas de Copa do Mundo, títulos da Copa América e Copa das Confederações, além da criação da Copa do Brasil.

Apesar dos sucessos em conquistas, com mais de duas décadas no cargo máximo do principal esporte brasileiro, os inúmeros casos controversos envolvendo suborno, aliciamento de marcas e corrupção sempre acompanharam a gestão. Em 2019, Ricardo Teixeira foi banido do futebol pela FIFA, após escândalos de propina.

A influência de Ricardo Teixeira no futebol brasileiro era tamanha, a ponto de ser praticamente intocável. Mesmo renunciando ao cargo em 2012 após inúmeros escândalos, o dirigente ainda manteve sucessores no poder, com o vice-presidente José Maria Marin assumindo o cargo. Esse posteriormente seria preso na Suíça, em 2015.

O cargo no começo da década passada ainda seguia nas mesmas mãos, havia uma concentração de poder, com votos de diversas federações que mantinham o mesmo lado.

Os cartolas da CBF, na gestão de Teixeira, aproveitaram-se desse momento político de implantação de uma nova ordem constitucional para estabelecer um conjunto de conciliações com as forças e grupos de poder do futebol brasileiro, garantindo, assim certa estabilidade. (Silva, 2020, p. 161).

Após as investigações acerca de José Maria Marin, o dirigente Marco Polo del Nero, assumiria o poder da CBF em 2014, e logo teria seu nome associado em um caso de suborno, onde ele e seu antecessor teriam recebido cerca de 6,5 milhões de dólares em propina na negociação dos direitos de transmissão da Copa Libertadores e Copa América. Tempos depois, mais precisamente em dezembro de 2017, a Comissão Ética da FIFA banuiu del Nero, das atividades relacionadas ao futebol, se juntando aos seus dois antecessores.

Nos dias atuais, mesmo com o destronado de Ricardo Teixeira e sucessores, os escândalos que envolvem a CBF seguem presentes em cada passo, com o atual presidente da entidade, Ednaldo Rodrigues, que assumiria o cargo em eleição conturbada após um novo afastamento, dessa vez, de Rodrigo Caboclo. O mandatário também chegou a ser afastado e retornou ao cargo após decisão do ministro do Supremo Tribunal Federal, (STF) Gilmar Mendes.

Segundo Viñas (2023), “o futebol como fato social é político. Quem nega esta realidade certamente não é por ignorância, mas por interesse”, logo, o esporte é a denominação direta da população, seja na construção ou percepção da identidade do torcedor. Neste caso, a CBF deveria ser indutora, já que controla o principal patrimônio do futebol nacional, a seleção brasileira.

3.5 CONVOCAÇÕES

Explorar o que é a seleção brasileira em épocas de convocações é um assunto complexo, pois leva em conta o trabalho de toda comissão técnica da seleção brasileira por determinado período, além do trato da imprensa e milhares de torcedores, geralmente irritados com a ausência de algum atleta.

No entanto, analisando casos isolados, em muitas faces, principalmente de quem observa o jogo, há decisões técnicas ou não puramente de jogo, levam a convocações questionáveis.

Para efeito de comparação, uma convocação em 2010, promovida pelo treinador Dunga, que acabou chamando o goleiro Doni, à época reserva de outro brasileiro, na Roma, da Itália, integrando assim o elenco da Copa do Mundo na África. Outrora, a convocação do zagueiro Henrique, desta vez, do treinador Felipão, na Copa do Mundo de 2014, o defensor era apenas a quarta opção no Napoli.

Apesar de todos os questionamentos válidos diante dessas convocações, obviamente podem ser pautadas pelo gosto do treinador, sendo jogadores de confiança, no qual ambos já trabalharam juntos.

Entretanto, tais decisões implicam diretamente no desempenho da seleção brasileira, e precisam ser vistas com rigor. No futebol moderno, e no passado, não há espaço para gostos, formação de grupo através do coleguismo ou decisões empresariais. As Copas do Mundo de 2014, 2018 e 2022, exemplificam a falta de autocrítica e desentendimento dos scouts, observadores junto a comissão técnica na seleção.

Para efeito de comparação, observamos a era Tite, entre 2016 e 2022, 122 jogadores foram convocados, obviamente os testes são necessários na composição de um grupo, entretanto o excesso de nomes e a demora para a consolidação de peças, atrapalham o ciclo para a Copa do Mundo.

Um exemplo ainda mais prático recente, foi a última disputa do torneio, nomes como o atacante Raphinha e Martinelli, estrearam na seleção brasileira, apenas meses antes da Copa, no caso do primeiro, em outubro de 2021. Enquanto, Vinícius Júnior, principal nome do país no esporte, só foi assumir, de fato, a titularidade, um ano antes da competição mundial.

Enquanto nos casos que extrapolam a avaliação técnica, o mais controverso envolvendo seleção e convocação de jogadores, aconteceu em 2001, quando o volante Leomar recebeu uma convocação para disputar a Copa das Confederações. Na época, Luciano Bivar, então presidente do Sport Recife,

clube em qual o atleta jogava, teria pagado uma quantia para que ele fosse chamado a Amarelinha. Anos depois, o próprio dirigente admitiu o ocorrido, sem informar a quem foi destinado o dinheiro.

Em entrevista ao GE, Leomar, disse que ficou surpreso, imaginando que o convite a seleção brasileira teria relação direto com seu desempenho no time pernambucano durante a temporada.

As "decisões" monocráticas da CBF colocam em xeque o sentimento do torcedor com aquela que deveria representar o símbolo de soberania nacional. Visto que, as controvérsias afastam o público que esperava um retrato legítimo e não opressor que visa o lucro, refletindo em um sentimento de não transparência e tampouco representativo.

3.6 POLÍTICA E FUTEBOL

Para a compreensão do fenômeno da política no futebol, é necessário amplo observatório no passado, como sintetiza o historiador ex-jogador uruguaio Gerardo Caetano, “los que creen que el deporte no tiene nada que ver con la política o no saben de política”, no futebol brasileiro o campo político nunca deixou de está fielmente ligado ao esporte.

[...] Romário está conversando com dirigentes do Partido Socialista Brasileiro (PSB). Quer destronar Ricardo Teixeira, o longo presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e sua súa de conspiradores que dominavam e se apropriavam dos recursos do esporte brasileiro havia décadas. Uma das maneiras seria concorrer a uma cadeira de deputado federal nas eleições para a Câmara dali a seis meses. Os políticos têm poder. [...] Os chefões da cartolagem brasileira dão risada. Romário? Ele não passa de mais um playboy, um ex-astro do futebol [...] Que tipo de ameaça esse filho das favelas pode representar para eles, homens poderosos, ricos e com um esquadrão de políticos obedientes em sua folha de pagamento? Em São Paulo, José Maria Marin, um dos queridinhos da ditadura militar - ao lado de seu parceiro, o político Paulo Maluf - é agora vice-presidente da CBF. (Jennings, 2014, p. 10-11).

Além da disputa interna que dura desde os primórdios por uma hegemonia da confederação que rege o futebol nacional, o poder executivo também soma participação direta nas decisões que conduzem a seleção brasileira.

Goussinky e Assumpção (2014) relatam a primeira grande interferência do executivo “o presidente Epitácio Pessoa resolveu palpar sobre a escalação da seleção, um dos conselhos foi o de que evitassem a convocação de jogadores negros”, a justificativa era que eles poderiam sofrer constrangimento na disputa da Copa América de 1921. A CBD (Confederação Brasileira de Desportos) acatou o pedido do presidente, e disputou o torneio sem jogadores negros, barrando craques como Friendenreich e Luiz da Guia.

No entanto, esse não foi o primeiro caso racista, um ano antes, em 1920, o diário sensacionalista argentino ‘La Crítica’ publicou uma matéria intitulada “Macacos em Buenos Aires”, antes de um amistoso da Argentina contra o Brasil, algo que revoltou os atletas brasileiros que chegaram a boicotar o confronto.

A CBD, que controlava a seleção na época, por sua vez, não aderiu ao boicote e manteve parte da delegação, além de dirigentes para completar a equipe, que acabou derrotada por um placar de 3x1.

Figura 3 – Jornal Argentino Chama Brasileiros de Macacos (1920)



Fonte: La Crítica / O Globo⁴

Os movimentos racistas e falta de movimento do poder judiciário e executivo ecoam há décadas no futebol como os diversos gestos racistas de uma parcela de torcedores nas partidas da Copa Libertadores, e o pouco caso das entidades, sobretudo a CONMEBOL, organizadora da competição. Na Europa, tida como o continente de primeiro mundo, os traços do movimento colonialista podem ser observados de maneira mais assídua.

Para efeito de comparação, o atacante do Real Madrid e da seleção brasileira, Vinícius Júnior, mesmo atingindo um alto grau nos parâmetros do esporte, entre os jogadores mais populares do mundo, não escapou de inúmeras ofensas xenofóbicas e racistas na Liga da Espanha, sendo até mesmo criticado por ex-jogadores, simplesmente pelo seu estilo de jogo e comemorações.

Sobre o caso, Viñas (2023), relata: “O assunto tem sido abordado timidamente, pois as instituições e agentes envolvidos não consideram um problema relevante”, o historiador explica que as instituições só agem com urgência quando o caso extrapola a nível mediático.

No Brasil, a instrumentalização do poder também foi capaz de até mesmo retirar um treinador do comando da seleção brasileira. Em 1969, João Saldanha assumiria o cargo de treinador a convite de João Havelange, então presidente da precursora da CBF, a Confederação Brasileira de Desportos.

O jornalista, até então, só havia dirigido o Botafogo, uma década atrás, mesmo assim conseguiu classificar a seleção em uma campanha brilhante nas Eliminatórias da Copa do Mundo de 1970, foram seis jogos e seis vitórias.

No entanto, João Saldanha era abertamente favorável ao PCB (Partido Comunista Brasileiro), algo que intrigava e gerava pressão de dirigentes e imprensa aliados à ditadura na época. Além disso, o militar Emílio Garrastazu Médici, então presidente do país sob intervenção, pressionava dirigentes da seleção para que o atacante Dadá Maravilha fosse convocado, inteiramente por gosto pessoal.

⁴ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/blog-do-acervo/post/2022/04/racismo-argentino-o-jornal-de-buenos-aires-que-chamou-jogadores-brasileiros-de-macacos.ghtml>

Saldanha, por sua vez, se opôs à decisão do militar, e acabou convocando o meia Zé Carlos para o lugar do atacante Toninho Guerreiro, cortado após uma lesão. Com toda pressão interna e externa, o treinador acabou deixando o cargo 78 dias antes da Copa do Mundo. Sendo ele responsável por montar a base campeã do tricampeonato mundial conquistado no México.

O escritor João Máximo (2005), no livro sobre a história de João Saldanha, relata, “A certeza que nos fica é mesmo que - com o Saldanha de 1970 e sem o João de 1969 – o Brasil não teria trazido do México, e para sempre, a taça de ouro de seus sonhos.”

Frequentemente no país, o futebol é utilizado como massa de manobra, sobretudo na extrema-direita, como foi vista pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, que se apropriou da camisa da seleção brasileira, equiparando o símbolo nacional a uma camisa partidária. No entanto, esse não é um movimento que se restringe apenas ao solo brasileiro.

Em 1934, como explica Ferraz (2021), o fascista Benito Mussolini, tornou a Copa do Mundo de 1934 conquistada pela Itália, como uma prova de que o seu governo fascista era um sucesso, colocando o canto do hino fascista “Giovinezza”, na cerimônia do título, além de uma taça seis vezes maior que a da edição anterior.

O intenso fascismo de Mussolini na Itália, causa vestígios até hoje no futebol local, com a força dos Ultras, sobretudo na torcida da Lazio, time de coração, do líder fascista.

A equipe italiana já teve problemas com cantos racistas a adeptos negros, perseguição a contratação de jogadores judeus, proibição de público feminino nos principais locais da arquibancada, além de gestos de um jogador em homenagem ao fascismo. Apesar disso, a Lazio, em certos momentos tenta se distanciar desta imagem, mas o fardo nefasto dessa união acaba refletindo ainda na atualidade.

No mesmo sentido, o líder espanhol Francisco Franco também utilizou o futebol para desenvolver suas ideias fascistas e nacionalistas na Espanha, ampliando a força dos ultras no território.

O estádio, as arquibancadas, atuam como amplificadores do contexto social. O futebol é uma metáfora social. Através da história dos clubes ou rivalidades podemos explicar a história das cidades, ou parte dela, por exemplo. Em grande medida, isto é possível devido à dimensão social que o futebol alcançou, dada a sua popularidade e ascensão na nossa sociedade. (Pesquisador, 2023).

Em paralelo, o regime militar brasileiro também se apropriou da identidade nacional para promover o patriotismo e uma sensação de sucesso da ditadura, após a conquista da Copa do Mundo de 1970. Seja em propagandas nas rádios e TVs, ecoando o hino nacional e a bandeira, o governo autoritário se apropriou da paixão do público com o esporte, dessa forma ocultando a repressão e prisões políticas do país.

Á época era comum o dito popular “Onde a arena vai mal, um time no nacional”, expressão relacionada a adição de times no Brasileirão, em campos políticos onde o partido da ditadura não estava apresentando um bom desempenho. O campeonato que hoje é disputado entre 20 concorrentes, chegou a ter 94 equipes na edição de 1979.

Com o fim da ditadura militar no Brasil em março de 1985, o futebol ainda seguiu como uma massa de manobra para promover campanhas e manejar os casos controversos das gestões, desta vez, em uma menor escala do que no regime autoritário dos militares, isso até a eleição presidencial de 2018.

Em um cenário tenso politicamente, o Brasil atravessava uma das piores crises identitárias e de governança. Com o fracasso na Copa do Mundo de 2014, e o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, em um movimento que colocou o vice-presidente Michel Temer no poder.

Além disso, a prisão do presidente Lula, colocava a confiabilidade de novos governos em cheque. Desse princípio, surge a figura do mito, ou do salvador da pátria, muito comum no futebol, principalmente quando o assunto é seleção brasileira.

Da premissa de um jogo de futebol, o candidato Jair Bolsonaro começou atrair um imenso eleitorado, contra o outro lado. O país então se dividiria em dois lados, do pensamento mais ligado à esquerda e o de extrema-direita.

Para atrair ainda mais o eleitorado, Bolsonaro, se apropriou da camisa da seleção brasileira, tornando ela uma espécie de camisa política, e por um bom tempo foi assim. Com esse movimento, o capitão do exército criou uma falsa narrativa de que patriota, a verdadeira população brasileira, era quem vestia a camisa da seleção brasileira e votava aliado ao seu pensamento, enquanto o outro lado seriam os adversários do próprio país.

Figura 4 – Bolsonaro com a Camisa da Seleção e Jogador



Fonte: José Cruz/Agência Brasil⁵

O fato tomou tamanha proporção sobretudo com a Copa do Mundo de 2018, que até mesmo o Museu da FIFA, emitiu uma nota alegando a apropriação da extrema-direita com a camisa da seleção brasileira.

Novas gerações e contextos trazem novos significados para a cor. Na Copa América de 2019, a icônica camisa amarelo canarinho do Brasil foi substituída por uma versão comemorativa do histórico uniforme branco e azul do time, que levou o título para casa. Nos últimos anos, o distintivo amarelo e verde do uniforme do Brasil tem se confundido com a política, já que a camisa foi apropriada por apoiadores do ex-presidente de extrema direita Jair Bolsonaro. (Gois, 2024).

⁵ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2019-11/bolsonaro-almoca-com-selecao-do-brasil-sub-17-tetracampea-de-futebol>

Com tamanha repercussão política do símbolo nacional que deveria ser pertencente a toda população, além da também apropriação da bandeira nacional e as cores verde e amarelo por parte dos seus apoiadores vide currais eleitorais, apenas em 2022, após uma manifestação do candidato Lula, que buscava seu terceiro mandato, o eleitorado que o apoiava, voltou a utilizar camisas verde e amarelo. Ainda com receio de certa forma.

Em uma publicação nas redes sociais, o hoje presidente, Lula, manifestou sua indignação com a apropriação da camisa, momentos antes do início da Copa do Mundo, “Copa do Mundo começa daqui a pouco e a gente não tem que ter vergonha de vestir a camiseta verde-amarelo. A camiseta não é de partido político, é do povo brasileiro”, com a fala democrática, por um momento, pelo menos na disputa do torneio, o país se viu unido em prol da busca do hexacampeonato.

Futebol proporciona à sociedade brasileira a experiência da igualdade e da justiça social. No caso brasileiro, foi indiscutivelmente através do futebol, como já afirmei, que o povo pôde finalmente juntar os símbolos do Estado nacional (a bandeira, o hino e as cores nacionais), esses elementos que sempre foram propriedade de uma elite restrita e dos militares. (Damatta, 1994, p. 17).

Ao mesmo tempo, tal movimento e cenário político com ascensão em 2018, deixou rupturas no futebol nacional e no símbolo de identidade. Três anos depois, a Copa América de 2021, que seria originalmente sediada na Argentina e Colômbia, acabou parando no Brasil após uma reviravolta de emergência.

Acontece que os argentinos e colombianos desistiram da realização do torneio como sede, devido aos inúmeros casos da pandemia do Covid-19. O Brasil, por sua vez, um dos países mais assolados com o vírus, foi em direção contrária, passando por cima de todas as recomendações da OMS (Organização Mundial de Saúde).

Portanto, com a decisão às pressas, o Brasil sequer estava preparado para sediar o evento, grandes clubes de futebol rechaçar a disputa do torneio em seus estádios, coube a Jair Bolsonaro e sua base política orquestraram

sedes onde formavam alianças, como no estado de Goiás, Cuiabá, Brasília, e seu curral eleitoral, o Rio de Janeiro.

Por outro lado, no ponto de vista democrático, engana-se quem acredita que futebol e política não se misturam, ou não deveriam. Desde que haja uma construção sólida, há exemplos, de como o esporte e as vozes dos atletas podem, de certa forma, impactar na luta contra regimes autoritários, preconceitos e casos pouco discutidos na sociedade.

Para tal exemplo, o documentário Democracia em Preto e Branco (2014), explora a relação direta entre o futebol e a ligação política perante no período da ditadura militar brasileira, destacando o movimento dos jogadores do Corinthians, que utilizaram o esporte como forma de protesto frente a repressão e o autoritarismo do governo interventor.

Nomes consagrados no futebol, tais como Sócrates, Zenon, Casagrande e Wladimir, usaram suas vozes contra a ditadura, e em busca de um futebol mais democrático, também nas quatro linhas. Através desta ação, os jogadores conquistaram o direito de votarem nos horários dos treinos e concentração.

Além disso, atletas da equipe vestiram uma camisa estampando a frase “Diretas Já”, em forma de protesto às eleições não democráticas no período. Tais ações foram homenageadas na revista France Football, responsável pela entrega da Bola de Ouro, os franceses criaram o prêmio que leva o nome de Sócrates, referente às ações sociais.

No ano de 2022, o irmão do ex-jogador Sócrates, também um dos principais atletas da história do futebol brasileiro e importante nome no campo democrático do esporte, Raí, discursou enquanto entregava o prêmio e citou a importância da democracia.

Sócrates representa ideais para um mundo mais justo, e representa os valores da democracia no sentido de criar um mundo melhor para todos. E o futebol cada vez mais representa uma ponte importante para chegarmos ao mundo no qual sonhamos. (Bola, 2022).

Um ano depois, em 2023, Vinícius Júnior conquistaria o prêmio Sócrates, devido ao seu projeto social que engloba inúmeras crianças em situação de pobreza levando as atividades ligadas ao esporte, junto a fundação Vinícius Júnior, sendo o segundo jogador a conquistar tal feito. Hoje, o então atacante do Real Madrid e da seleção brasileira é também uma importante voz na luta contra o racismo presente em arquibancadas do futebol europeu, sobretudo em algumas partidas do Campeonato Espanhol.

A luta contra o racismo no Brasil é, inclusive, histórica. Com um movimento que tem como um dos pilares o Clube de Regatas Vasco da Gama, ainda no início do século passado. Na época, o time carioca redigiu uma carta onde desistiria de disputar uma competição racista, que não permitia jogadores negros e pobres no torneio.

Foi o Vasco também responsável pela primeira consolidação de uma equipe que apoiava a diversidade, unindo jogadores brancos, negros, imigrantes, atletas de baixa renda, e assim fez sucesso a partir de 1915, conquistando títulos importantes como o Campeonato Carioca.

3.7 IDENTIDADE

3.7.1 Jogador e Torcedor

A premissa do que é futebol está altamente ligada à relação entre público e jogadores, afinal são os protagonistas deste cenário. É o público quem estabelece a magnitude de tal jogo, e são os jogadores que exercem o jogo. No entanto, quando há certa distância entre os dois, o produto também perde espaço.

No país, o futebol ainda segue com uma alta demanda entre torcedores e clubes, mas o que pode ser observado é uma tendência de distância entre o adepto e a seleção. Observando o passado, mesmo que esse também sempre esteve ligado a cobranças e pressão, existia um coro popular dos torcedores

para a convocação de jogadores nos clubes nacionais, algo que não acontece da mesma forma neste século.

O aperto do calendário, que leva a desfalques de clubes diante da Data FIFA, logo neste cenário, atletas do futebol brasileiro atuarem na seleção não simboliza mais necessariamente representatividade. Visto que, até o final do século passado, os convocados, eram de fato os melhores jogadores do país. Portanto, mais jogadores do Palmeiras na seleção, automaticamente, a equipe, naquele momento, seria a melhor entre todas nacionalmente, o mesmo para São Paulo, Santos, Flamengo e outros.

Figura 5 – Jogadores com Atuação no Brasil e Exterior (2010)



Fonte: EfDeportes⁶

Com o domínio europeu na virada do século XXI, além da alta do euro frente a outras moedas, jogar na Europa ganhou significado de atuar em “alto nível”, e de fato, os clubes europeus mais estruturados que em outros continentes, também levando em conta o processo de colonização, conseguiram reunir os principais craques e promessas do mundo, sobretudo nas ligas da França, Alemanha, Espanha, Inglaterra e Itália, consideradas as principais.

⁶ Disponível em: <https://efdeportes.com/efd150/brasil-incidencia-de-jogadores-no-futebol-estrangeiro.htm>

Como explica (Boli, 2010), estar na Europa significa uma segurança financeira para o migrante e sua família. Atuar em solo europeu, mesmo que até equipes de menor expressão nas cinco principais ligas, se bem administrado, gera uma garantia financeira por longos anos, além de grande visibilidade.

O mesmo pode ser aplicado, com a grande quantidade de jogadores de origem africana que hoje defendem a França. Se no ano do título da Copa do Mundo de 1998, os franceses tinham apenas três jogadores, na segunda conquista, em 2018, 15 jogadores tinham raízes na África.

Destes nomes que cercam duas gerações, há uma coincidência entre elas, os principais destaques, continuaram de raízes africanas, com Zinedine Zidane, e posteriormente Kylian Mbappé.

Nesse sentido, o maior jornal de futebol da França, a France Football, lançou uma edição africana em 1968, devido ao aumento da procura do continente junto ao futebol francês. Para o noticiário, existiam dois propósitos: o primeiro, de permitir aos africanos conhecerem melhor o futebol do próprio continente e, assim, mensurar o seu progresso esportivo; e o segundo, o de transmitir as notícias, também, aos africanos instalados na França (Boli, 2010).

Mesmo hoje com certa proximidade entre jogadores de origem africana e torcedores europeus, não é incomum, que após derrotas das grandes seleções como Inglaterra e França, surjam ataques na internet julgando um bode expiatório, geralmente jogadores negros imigrantes, e foi assim também no passado. Dessa forma, eles eram denominados como “os diabos”, “os magos”, “os bruxos”, “as pérolas”, “os terrores”, “os maravilhosos” (Boli, 2010a; 2010b).

No aspecto mercadológico, o jogador brasileiro, geralmente de baixa renda e da periferia, hoje cresce e desenvolve seu futebol, observando o domínio europeu, no qual essa se torna uma referência junto a empresários que buscam esse caminho. Em paralelo, uma pesquisa da CNN/Itatiaia/Quaest em 2023, apontou que 47% dos entrevistados entre 16 e 30 anos têm um clube fora do país.

Compreender o futebol europeu e trazer parte desse desenvolvimento para o futebol local, não pode ser visto como ignorância, todavia, mudar a

particularidade dos estilos de jogo, que abrange cinco títulos mundiais brasileiro, três da Argentina, e dois do Uruguai, seria apagar a história. Portanto, o futebol brasileiro não pode perder sua essência, de jogo curto, de drible, do improvisado, que ainda segue sendo admirado no mundo com o termo “joga bonito”. É nas ruas, em campos improvisados, nos campos de terra, que surgiram e surgem os grandes craques do país.

Segundo (Giulianotti, 1999), o futebol tem algumas características essenciais que contribuem com a sua popularidade. Dentre elas, a simplicidade das regras do jogo, equipamentos e técnicas corporais do futebol.

Para o sentido da identidade entre público e jogadores, a astronômica mercantilização aos atletas que cada vez mais deixam seus clubes rumo à Europa, muitas vezes sem sequer estreiar profissionalmente, acaba deixando marcas. Afinal, esses atletas não têm um tempo necessário para construírem um vínculo sólido com seu torcedor, seja na conquista de grandes títulos ou até mesmo em atuações marcantes.

Esses jogadores, ainda promessas, ganham mais lembranças dos torcedores de um clube brasileiro, por atuarem na base, ou seja, o sentimento de formação, e raramente de execução.

O treinador Marcelo Bielsa, que treinou seleções como Chile e Argentina, além de equipes na Europa, e hoje treina o Uruguai, explicou em coletiva como o futebol sul-americano, que é prioridade do povo, vem perdendo espaço para o poder econômico.

Olha que interessante, você se recorda da formação do São Paulo? Com um treinador monumental e uma formação de todos os jogadores da seleção brasileira jogando no futebol local. Vejam o que passou com o pobre futebol sul-americano. Lá jogavam Rai, Antonio Carlos, Ronaldo, Cafú, Pintado e Muller, mas antes de irem à Europa, jogaram duas finais de Copa Libertadores. Então esse futebol que era uma das poucas coisas que horizontalmente, os mais pobres mantinham, não se tem mais. Quantos Endricks aos 17 anos se vão? (Bielsa, 2024).

Portanto, sem essa construção de relação, esses jogadores quando ingressam na seleção brasileira, na maioria dos casos após sucesso em clubes da Europa, geram dúvidas nos torcedores que pouco conhecem tais nomes. Não

há uma compreensão, sobre a qualidade desse profissional, e em muitos casos uma relação de identidade com esse atleta.

Observando o elenco atual da seleção brasileira, muitos nomes de destaque na Europa, pouco jogaram no Brasil, ou nem chegaram a jogar profissionalmente. O goleiro Ederson, por exemplo, atuou apenas na base do São Paulo, e hoje faz sucesso no Manchester City, da Inglaterra. O atacante Raphinha titular da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2022, pouco jogou no Brasil, e para muitos foi uma surpresa quando desempenhou um bom futebol na estreia com a amarelinha, sendo que esse já era monitorado em seleções como a Itália.

Em entrevista ao jornal Estadão, o tetracampeão mundial e ex-treinador da seleção brasileira, Dunga, pontuou a dificuldade dos clubes brasileiros na formação dos atletas. Segundo ele, esse processo iniciou com os times do exterior comprando atletas de 27 anos, em seguida de 20 anos, até chegar ao patamar atual de 17 anos, ainda pontuando, de maneira irônica, que os jogadores em breve vão deixar o futebol nacional ainda na barriga da mãe.

Esse distanciamento também afeta o indivíduo. Afinal, para o jogador brasileiro atuar na Europa, além de todo o glamour com grandes competições internacionais e altos salários, em muitos casos a pressão é menor do que comparado ao Brasil, afinal, são linhas culturais distintas.

Ou seja, sem um laço estabelecido ou mínima conexão, momentos como o desembarque brasileiro antes da partida contra o Equador nas Eliminatórias para a Copa do Mundo de 2026, onde poucos jogadores cumprimentaram torcedores que estavam em uma barreira de isolamento, se tornam comuns.

Além disso, o bloqueio entre jogadores, torcida e imprensa, vem gerando um sentimento de “nós contra eles”. Alguns atletas da seleção acabam rebatendo qualquer crítica da imprensa, seja ela construtiva ou não. Quando não se há espaço para ouvir em nenhuma das partes, as três são afetadas.

Portanto, para o público brasileiro, sobretudo aquele que acompanha apenas o futebol local, ter um jogador da seleção como indivíduo representativo,

é cada vez mais incomum, já que também atletas, cada vez mais engessados, pouco utilizam suas vozes de forma representativa, seja cultural, política e social.

Ao passo que o domínio ligado diretamente ao eurocentrismo, esse controlador do futebol desde os primórdios, com traços ainda colonialistas, também dificulta que os jogadores possam usar suas vozes em temas importantes. Um fato mais recente foi o prêmio Bola de Ouro em 2024, que a grande maioria dos analistas e torcedores acreditavam ser entregue a Vinícius Júnior.

No entanto, para um jogador negro, não europeu, e que vem de um país sul-americano, o peso não é da mesma medida frente aos outros concorrentes. Nem mesmo com seu desempenho mais que suficiente para o prêmio. A France Football, responsável pela premiação, sequer premiava atletas não nascidos na Europa até 1994, mesmo chamando essa de melhor jogador do mundo. E para o brasileiro, usar sua voz contra temas omitidos e pouco debatidos, como preconceito racial, foi visto como insulto para muitos.

3.7.2 Futebol e Produto

No futebol brasileiro, apesar de um não consenso sobre o termo “país do futebol”, é fato que o esporte historicamente tem alto interesse do público brasileiro. Um exemplo mais prático do interesse nacional por esportes, foram as Olimpíadas de Paris em 2024, quando a Rede Globo de Televisão foi assistida por cerca de 140 milhões de pessoas, conforme levantamento da própria empresa.

Entretanto, quando relacionando que a mesma empresa, a maior de telecomunicação do país, enfrentou dificuldades para vender cotas de patrocínio para a Copa América de 2024, é possível observar o desgaste da seleção brasileira não só com o público, mas também com as marcas.

Historicamente, o futebol local começou a receber um incentivo de grandes patrocínios a partir dos anos 80, com marcas como Coca-Cola, TAM, Lubrax e tantas outras. Enquanto a seleção brasileira, já consolidada nos anos

90, fechou um acordo com a fabricante Nike, que viria a mudar o ramo do marketing esportivo nacional.

No ano de 1997, a seleção sob tutela do presidente da CBF, Ricardo Teixeira, concordou com um acordo de 10 anos com a Nike, junto a um pagamento de 170 milhões de dólares, o maior da história do futebol nacional na época. Ao mesmo tempo, a empresa estadunidense, além de se tornar a maior patrocinadora da equipe, ainda teria direito de escolher 50 partidas da seleção durante o período.

Como explica o jornalista Juca Kfoury, em reportagem para a Folha no ano de 1999, “A Confederação Brasileira de Futebol cedeu parte de seu controle sobre a seleção brasileira ao assinar contrato com a Nike”, um exemplo é que a pentacampeã mundial só poderia buscar outros patrocinadores, mesmo de diferentes ramos, a partir de aval da fornecedora.

O acordo não visava essencialmente a seleção brasileira, a empresa de calçados que já fazia sucesso no basquete com o astro Michael Jordan, tinha profundo interesse em associar sua marca com Ronaldo Fenômeno, considerado, na época, o principal jogador de futebol do planeta.

Na Copa do Mundo de 1998, o ex-jogador Edmundo, grande destaque na temporada e substituto natural de Fenômeno, disse que a Nike obrigava por contrato que Ronaldo jogasse todas as partidas da competição. O caso acabou acentuado após o camisa nove ser escalado na decisão, mesmo com um quadro de convulsão. A história virou até mesmo caso de CPI, enquanto CBF e Nike negaram o ocorrido.

Ao mesmo tempo, essa não foi a única parceria controversa que envolve seleção brasileira e grandes conglomerados. A seleção teve uma parceria com a Pitch International, que durou cerca de 10 anos, sendo essa responsável por marcar e vender amistosos da amarelinha.

Durante a parceria pouco amistosa, confrontos contra países de primeiro escalão no aspecto do futebol, foram se tornando raros. Além disso, o Brasil cada vez menos mandava jogos em seu território, atuando principalmente em

locais de alto poder econômico, mas que não tinham tanta representatividade no esporte,

A Pitch, por exemplo, chegou a propor partidas em Bangladesh e Kuwait, lugares de difícil locomoção, além de baixa estrutura. Em 2019, Tite criticou as medidas impostas pela empresa, cobrando uma estrutura melhor para a disputa dos amistosos. “A Pitch International precisa cuidar disso, sim. Tem de ter um campo melhor para jogar. Não pode ter um campo desse, não dá para ter um espetáculo num gramado desse. Dá para jogar 'soccer', dá para jogar de tênis.”

Com a alta demanda e comercialização do futebol na chegada do século XXI, essencialmente no Brasil, a massa vem perdendo o que batalhou ainda nos primórdios, a democratização do esporte.

De acordo com Damo (2019), o arrefecimento do torcedor brasileiro com a seleção brasileira, tem ligação com a elitização e o cenário político. O autor entende que com a modernização das arenas, os jogos começaram a atrair públicos de classes mais altas, aumentando a demanda e consequentemente o valor do produto. O que para clubes de futebol, confederação e grande imprensa é positivo, visto que a arrecadação aumentou.

A chegada da Copa do Mundo de 2014, com a construção de grandes arenas, cercadas de shoppings e camarotes de glamour, aceleraram o processo de elitização do futebol, mas não foi ela a causa primária. Jogos da seleção brasileira já não aconteciam com frequência no país, e quando ocorriam, o ticket médio era mais acessível para classe média e alta.

Uma pesquisa da Pluri Consultoria em 2013, um ano antes da Copa do Mundo no Brasil, já apontava o Brasil com o ingresso mais caro do mundo quando comparado a renda média mensal de outros países. Enquanto o brasileiro conseguiria comprar 53 ingressos com o valor total, a Costa Rica, por exemplo, compraria 117 bilhetes, mais que o dobro.

Figura 6 – Tabela do Preço de Ingressos no Mundo (2013)

 O PREÇO DO FUTEBOL			
País	Preço médio do ingresso*	Renda média mensal**	Ingressos por mês***
 Brasil	R\$ 38,00	R\$ 2.042,47	53
 Espanha	R\$ 71,62	R\$ 4.796,01	66
 Itália	R\$ 74,71	R\$ 5.382,93	72
 Turquia	R\$ 23,42	R\$ 1.730,80	73
 México	R\$ 22,53	R\$ 1.675,52	74
 Reino Unido	R\$ 84,21	R\$ 6.387,45	75
 Portugal	R\$ 42,25	R\$ 3.271,93	77
 Argentina	R\$ 23,44	R\$ 1.915,52	81
 Chile	R\$ 23,10	R\$ 2.551,60	110
 Costa Rica	R\$ 13,52	R\$ 1.592,10	117
 França	R\$ 48,69	R\$ 6.734,87	138
 Estados Unidos	R\$ 54,34	R\$ 8.243,06	151
 Uruguai	R\$ 15,86	R\$ 2.434,25	153
 Alemanha	R\$ 43,79	R\$ 6.813,99	155
 Holanda	R\$ 44,82	R\$ 7.604,16	169
 Japão	R\$ 45,54	R\$ 7.762,07	170

Fontes: PLURI Consultoria, Banco Central do Brasil, FMI/ * Preços médios dos ingressos inteiros para adultos, sem promoções, em jogos não decisivos / ** Renda per capita referente a 2012 / ***Total de ingressos que se compra com a renda média de cada país

Fonte: Pluri Consultoria⁷

Além dos ingressos, o alto valor dos adereços que fazem parte de uma partida, que, em tese, é um espetáculo, bem como uma peça teatral, um show musical, afastam o público geral.

Para efeito de comparação, um estudo do site Footy Accumulators, apontou que a camisa da seleção brasileira na Copa América de 2024, era a mais cara do torneio, custando 100 dólares no site da CBF. Enquanto países como Uruguai e Estados Unidos, nações com um PIB per capita maior que a do brasileiro, tinham camisas por 70 e 90 dólares, respectivamente.

Sob a síntese do estudo, mesmo o Brasil com um dos uniformes mais caros para o bolso do brasileiro, a seleção ainda foi a que mais vendeu o produto, com um milhão comercializado. O que, de certa forma, evidencia que mesmo com a apropriação política, além de todas as dificuldades impostas economicamente, o público ainda nutre um sentimento de patriotismo e gosta de

⁷ Disponível em: <https://www.plurisports.com.br/futebol-brasil-ac-paass-ingressos-mais-caros-mundo-veja-ranking-2/>

acompanhar a sua seleção, mesmo que não tanto quanto antes, “Os norte-americanos chamam seus clubes desportivos de franquias. Os brasileiros jamais tolerariam o uso desse termo.” (FOER, 2005, p. 106).

Logo, o público geral ainda tem a seleção brasileira como um patrimônio nacional, mesmo que o entorno, sobretudo os grandes dirigentes das confederações, façam esforços para delimitar tal acesso.

Realmente, é pelo futebol praticado nas grandes cidades que o povo brasileiro pode se sentir pessoalizado. Do mesmo modo, é dentro de um time de futebol que um membro da massa anônima e desconhecida, o chamado “povão”, pode tornar-se uma estrela e ganhar o centro das atenções como 24 pessoas, como uma personalidade singular, insubstituível e capaz de despertar atenções. (Damatta, 1982, p. 56).

3.8 JORNALISMO ESPORTIVO

A crise de identidade entre público e seleção, também pode ser analisada no ponto de vista da imprensa, interlocutora entre as duas partes.

Observando todo processo construtivo do jornalismo esportivo no Brasil, desde os seus primórdios, obviamente há uma mudança significativa na análise dos jogos, nas reportagens, narrações e transmissões. Se no começo o público acompanhava a seleção por notas e colunas de jornais, passou a acompanhar em rádios e agora na televisão, que hoje já divide espaço com o streaming.

O canal Cazé TV, responsável por transmitir a Copa do Mundo de 2022 no Youtube, alcançou a marca de 69 milhões de visualizações em 64 jogos transmitidos de forma gratuita na plataforma. Os números chamam atenção pela expansão da internet na mídia esportiva, mas ainda pouco próximo da televisão. A Rede Globo, por exemplo, diz ter alcançado 170 milhões de espectadores com todas suas transmissões.

De certa forma, o advento da internet pode ser benéfica e gera de certa forma um lado democrático quando se é transmitido em canais gratuitos, já que o público não precisa necessariamente de um aparelho de TV para acompanhar

suas partidas. Entretanto, desde a Lei do Mandante, Lei 14.204, que trata da venda dos direitos de transmissão de partidas de futebol no Brasil, com certa flexibilização vem gerando uma espécie de pizza entre jogos e competições divididas em diversos canais sobretudo pagos.

Logo, diferentemente do passado, quando se era necessário a assinatura de um ou dois canais, o público agora necessita de diversos meios de transmissões para acompanhar jogos do seu time. Para o público de mais idade, é cada vez mais difícil saber onde acompanhar essas partidas, que ano a ano passam por rodízios.

Nesse sentido, a velocidade dos meios, junto a informação pode também atrapalhar a checagem dos fatos, sendo essa inteiramente responsabilidade da imprensa, com a guerra por visibilidade. Afinal, atualmente há um claro sensacionalismo em busca de cliques através de títulos, chamadas, e não só com relação a seleção brasileira, mas no futebol em geral.

É encargo também de as universidades trabalharem na formação desses profissionais para que cheguem mais bem preparados no mercado de trabalho. Não só com disciplinas teóricas que nutrem demasiada relevância, mas também urge a necessidade de que todos os jornalistas saibam analisar números e questões táticas das partidas. Afinal, o futebol mudou, há o lado externo, é mais tático e ao mesmo tempo físico, é necessário compreender o campo, a visão de jogo, e isso vale para ex-jogadores que hoje atuam como comentaristas.

Alguns exemplos práticos podemos observar na Copa do Mundo de 2014, quando a imprensa criticava a execução do torneio devido à crise política, mas com o início da competição acabou deixando de lado as críticas em prol da grande arrecadação do evento.

Sob o ponto de vista da analítico, era óbvio que a seleção brasileira não tinha uma equipe pronta e do mesmo nível técnico que países como Alemanha e Países Baixos, que inclusive golearam a amarelinha. No entanto, parte da grande imprensa de maneira ludibriada, alimentou diariamente o favoritismo não inexistente do país para o público.

Historicamente a imprensa apoia a seleção brasileira, e deve ser feito, como é em qualquer país. Entretanto, é trabalho jornalístico expor números, fatos, para que o próprio público tenha seu entendimento de maneira individual.

Quatro anos depois, na Copa do Mundo da Rússia, a seleção brasileira não era favorita contra a Bélgica, que tinha uma base formada desde a edição anterior, e contava na época com três nomes que figuravam entre os melhores jogadores do mundo, Eden Hazard, Lukaku e Kevin de Bruyne.

Para parte expressiva do público brasileiro não acostumado com o futebol da Europa, causou espanto a eliminação para os belgas, afinal tratava-se de uma seleção sem grande relevância em títulos, diante da pentacampeã mundial. Por vezes, faltou uma cobertura ampla da grande imprensa que expusesse em análises e números, que era diante de grandes adversários naquele momento.

Portanto, a imprensa, especialmente em ano de Copa do Mundo, que há o maior número de pessoas acompanhando a competição, inclusive de um público que pouco acompanha o esporte, deveria tratar com um senso crítico maior a respeito da seleção, compreendendo que o futebol evoluiu, e outros países cresceram esportivamente e taticamente.

Também é papel da imprensa não culpabilizar e alimentar um bode expiatório diante das eliminações, como muitos torcedores fazem, pois estes agem na emoção e não razão. Entender todo o processo que leva a seleção brasileira tanto a títulos, como também insucessos, é papel da imprensa. Essa deve ser tratada de forma coesa e transparente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Restringir a crise de identidade entre seleção brasileira e o público em apenas um ponto levaria a uma análise rasa e pouco informativa a respeito do tema. Portanto, o trabalho desta monografia destrincha os principais detalhes que levaram ao devaneio técnico e plural com os torcedores, que envolve questões enraizadas de cultura, pertencimento e nacionalidade.

Dessa forma, durante a pesquisa concluímos que a relação com o público, apesar de similar em alguns recortes, não é estática, passando essa por mudanças que tem relação com contextos sociopolíticos, econômica, identitária com os atletas, além do desempenho apresentado no campo.

Observando o pensamento dos autores acerca dos campos de representatividade, além da pesquisa de dados, podemos compreender que a dificuldade da seleção brasileira em cativar novos públicos, além de reconquistar a tradição em acompanhar partidas da equipe, está diretamente ligado ao pequeno grupo que comanda o futebol nacional. Sendo esses responsáveis por selecionarem e restringirem o público que assiste os confrontos em estádios, bem como os preços em adereços das partidas, como as camisas.

Logo, promover uma reflexão sobre a dificuldade de identidade do povo com o representante do esporte mais consumido no país, é fundamental para compreender não apenas o papel transformador do futebol no Brasil, mas também as mudanças sociais e culturais que fazem parte de uma conjuntura do patriotismo, hoje extremamente enviesado e apropriado por um lado político.

Assim sendo, a construção de identidade deve ser considerada, repensada, levando em conta todas as classes, sendo também papel da imprensa utilizando da sua voz um jornalismo íntegro, responsável e atualizado a todas as situações externas e desportivas ao redor do mundo, não confundindo a paixão, comum em um esporte, com sua transparência profissional.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Pedro. Porque CBF não rompe vínculo com empresa que organiza amistosos da seleção. **Uol Esportes**, 18 out. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/10/18/por-que-cbf-nao-rompe-contrato-com-empresa-que-organiza-amistoso-da-selecao.htm>. Acesso em: 17 set. 2024.
- BIELSA quebra próprio protocolo e ergue a cabeça para responder brasileiro. **Uol Esportes**, 5 jul. 2024. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2024/07/05/bielsa-quebra-proprio-protocolo-e-ergue-a-cabeca-para-responder-brasileiro.htm>. Acesso em: 12 set. 2024.
- BOLA de Ouro 2022: Raí faz discurso sobre eleições no Brasil ao entregar Prêmio Sócrates, **Onefootball**. Disponível em: <https://onefootball.com/pt-br/noticias/bola-de-ouro-2022-rai-faz-discurso-sobre-eleicoes-no-brasil-ao-entregar-premio-socrates-36046416>. Acesso em: 8 set. 2024.
- BOLI, C. Les footballeurs noirs africains en France: des années cinquante à nos jours. Hommes et migrations. **Revue Française de Référence sur le Dynamiques Migratoires**, Paris, n.1285, p.14-30, 2010. Acesso em: 12 set. 2024.
- CALDAS, Waldemyr. Fußball, soccer, calcio. Ein englischer Sport auf seinem Weg um die Welt. **München**: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1997, p. 171-184.
- CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CARVALHO, André Luiz Piva de. Paraíba: **caso de dupla identidade – a construção da identidade paraibana na mídia especializada da política e do turismo**. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade. Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, 2009. Disponível em: http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/10603/1/dissert_Andr%C3%A9%20de%20Carvalho.pdf. Acesso em: 8 out. 2024.
- CASTRO, Elton de. Presidente do Sport diz que pagou para ter atleta do clube na Seleção. **Globoesporte**, 08 mar. 2013. Disponível em: <https://ge.globo.com/pe/futebol/times/sport/noticia/2013/03/presidente-do-sport-diz-que-pagou-para-ter-atleta-do-clube-na-selecao.html>. Acesso em: 10 set. 2024.
- DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 10-17, 1994.
- ESPN BRASIL. **Democracia em Preto e Branco**: futebol, política e rock n'roll. Rio de Janeiro, 90 minutos, documentário, TV ZERO, 2014. Disponível em: <https://tv.apple.com/br/movie/democracia-em-preto-e-branco/umc.cmc.434oig988ut17p61dvcsctvj>. Acesso em: 8 set. 2024.

FRANÇA, Vera Veiga. **Imagens do Brasil**: modos de ver, modos de conviver. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FERRAZ, C. Quando futebol autoritarismo e política se misturam. **Nexo Jornal**, 10 jun. 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/quando-futebol-autoritarismo-e-politica-se-misturam>. Acesso em: 2 set. 2024.

FOER, F. **Como o futebol explica o mundo**: um olhar inesperado sobre a globalização. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol – dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

GLOBO alcança mais de 140 milhões de pessoas com os Jogos Olímpicos. Veja as maiores audiências. **O Globo**, 13 ago. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/play/audiencia/noticia/2024/08/13/globo-alcanca-mais-de-140-milhoes-de-pessoas-com-os-jogos-olimpicos-veja-as-maiores-audiencias.ghtml>. Acesso em: 17 set. 2024.

GOIS, Ancelmo. Museu da Fifa, na Suíça, cita que camisa do Brasil foi “sequestrada” pela extrema-direita. **O Globo**, 27 jan. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/ancelmo-gois/post/2024/01/museu-da-fifa-na-suica-cita-que-camisa-do-brasil-foi-sequestrada-pela-extrema-direita.ghtml>. Acesso em: 4 set. 2024.

GOUSSINSKY, Eugenio; ASSUMPÇÃO, João. **Deuses da Bola**: 100 anos da seleção brasileira. São Paulo: DSOP, 2014.

GUEDES, Simoni Lahud. El Brasil reinventado: notas sobre las manifestaciones durante la Copa de las Confederaciones. **Nueva Sociedad**, [S.l.], n. 248, p. 89-100, 2013.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

HELAL, R. **Idolatria e malandragem**: a cultura brasileira na biografia de Romário. São Paulo: CACSO, 2003. v.26, n. 2, p. 24-39.

JÚNIOR, Danton; SILVA, Pedro Vasconcelos Costa e. Elitização provocou distanciamento entre seleção e torcedor popular no Brasil, diz antropólogo. **Ludopédio**, 2019. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/entrevista/arlei-sander-damo/>. Acesso em: 17 set. 2024.

KFOURI, Juca. Contrato dá a Nike poder sobre a CBF. **Folha de S. Paulo**, 31 jan. 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk31019901.htm>. Acesso em: 17 set. 2024.

MÁXIMO, João. **João Saldanha**. [S.l.]: Relume Dumará, 2005.

OLIVEIRA, Hulda Gomides. **Construção, desconstrução e reconstrução do ídolo**: discurso, imaginário e mídia (Mestrado em Letras) – Escola de Letras, Universidade Federal de Goiás: Elza Kioko Nakayamado Couto. Goiânia: UFG, 2012.

OZIL revela conversa com David Luiz após 7 a 1: “Disse que sentia muito”. **Globesporte**, 08 nov. 2016. Disponível em:

<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2016/11/ozil-revela-conversa-com-david-luiz-apos-7-1-disse-que-sentia-muito.html>. Acesso em: 27 ago. 2024.

PALENZUELA, G. Vaiados no Brasil, chilenos fazem hino a capela e ação de respeito ao rival. **Uol Esportes**, 11 jun. 2015. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2015/06/11/vaiados-no-brasil-chilenos-fazem-hino-a-capela-e-acao-de-respeito-ao-rival.htm>. Acesso em: 19 ago. 2024.

PAVAN, Bruno. Camisa do Brasil é a mais Cara Entre as Seleções da Copa América; Veja Ranking. **Isto É Dinheiro**, 27 jul. 2024. Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/camisa-do-brasil-e-a-mais-cara-entre-as-selecoes-participantes-da-copa-america-veja-ranking/>. Acesso em: 17 set. 2024.

PEPIN, Charles. **As virtudes do Fracasso**. São Paulo: Gadativa, 2018.

PRESIDENTE da CBF revela bebedeira no Mundial de 2006. **Globo Esportes**, 01 ago. 2007. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/presidente-da-cbf-revela-bebedeira-no-mundial-de-2006-4165263>. Acesso em: 12 set. 2024.

PESQUISADOR catalão explica como futebol e política são inseparáveis. **UFJF**, 27 jul. 2023. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2023/07/27/pesquisador-catalao-explica-como-futebol-e-politica-sao-inseparaveis/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

PLURI. **Ingressos para futebol no Brasil são os mais caros do mundo, aponta pesquisa**. Disponível em: <https://www.plurisports.com.br/ingressos-futebol-brasil-sapo-mais-caros-mundo-aponta-pesquisa-leia-mais-httpextr/>. Acesso em: 17 set. 2024.

QUASE a metade dos jovens brasileiros também torce para um time do exterior. **CNN Brasil**, 11 abr. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/futebol-internacional/quase-a-metade-dos-jovens-brasileiros-tambem-torce-para-um-time-do-exterior/>. Acesso em: 12 set. 2024.

RIBEIRO, Luis Carlos. **O Futebol no campo afetivo da história**. Porto Alegre: Movimento, 2004. p. 99-111.

SILVA, T.M. O futebol como fator de mobilização: a identificação clubística e o engajamento político-eleitoral. **Esporte & Sociedade**, [S.l.], v.10, m.26, p. 1-28., 2015.

SILVA, B.C. “Futebol-bandido”: os cartolas da CBF e a corrupção no Brasil. In: SILVESTRE, L.P. (org) **Ciências sociais aplicadas**: necessidades individuais & coletivas. Ponta Grossa: Atena, 2015. p. 155-167.

